

## TENDÊNCIAS E OPORTUNIDADES DE INVESTIMENTO NO MERCADO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

MEURER, Angélica Patrícia Sommer Meurer, (UNIOESTE), angelicameurer@ibest.com.br  
Edinéia Lopes Cruz Souza, (UNIOESTE), edyeconomista@yahoo.com.br

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é o de analisar as tendências e oportunidades de investimento no mercado do agronegócio brasileiro. Considerando o fato de o Brasil ser um país com vocação para o agronegócio em face de suas características e diversidades, tanto de clima quanto de solo, pretende-se atingir o proposto, levantando-se quais as características inerentes ao cenário atual do agronegócio no Brasil, identificando quais os produtos dos quais se espera um maior crescimento nos próximos anos, bem como, levantar os principais problemas que entravam um aumento da competitividade deste no Brasil. A partir dos dados da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, que fornece dados relacionados à agricultura, a metodologia utilizada na pesquisa, foi baseada no estudo exploratório, bem como da estatística descritiva. Os resultados preliminares evidenciam a importância do agronegócio para a economia brasileira. No entanto, ressalta-se com este estudo, há necessidade de maior investimento por parte do Governo em alguns setores, para que não se comprometa o desempenho futuro do agronegócio no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Agronegócio; Brasil; Investimento.*

### INTRODUÇÃO

Tendo em vista a importância do agronegócio para o crescimento econômico, o objetivo deste trabalho é analisar as tendências e oportunidades de investimento no agronegócio brasileiro. Pretende-se assim, relatar o momento atual do agronegócio no Brasil, ressaltando questões como a organização agroindustrial, a concorrência bem como avaliar as perspectivas futuras deste mercado.

Em meados dos anos 50, os autores norte-americanos John Davis e Ray Goldberg, da Universidade de Harvard, atentaram que as atividades de agricultura e pecuária e ainda aquelas ligadas a elas não poderiam ser estudadas isoladamente. Sendo assim, utilizando-se de fundamentos da teoria econômica, construíram uma metodologia de estudo da cadeia agroalimentar e lançaram o termo conhecido como agribusiness nos Estados Unidos, em 1957, que abordava uma visão integrada e sistêmica deste assunto, e que no Brasil se entende por agronegócio.

É preciso achar uma definição adequada do que se entende pelo termo agronegócio, desse modo, na concepção de Batalha (2001), é o conjunto de negócios ligados à agricultura sob a ótica econômica. Divide-se o estudo deste em três partes: negócios agropecuários (produtores rurais ou “dentro da porteira”) negócios à montante aos da agropecuária (indústrias e comércios, fornecedores de insumos para a produção rural ou “pré-porteira”) e os negócios à jusante dos negócios agropecuários (compra transporte, beneficiamento e venda dos produtos agropecuários ou “fora da porteira”).

Na década de 1990, com a reforma da Lei de Tarifas e a instituição de um regime cambial de mercado, é que tem início o processo da inserção brasileira no mercado internacional, após anos de um

quase isolamento comercial. Até então, havia uma proteção excessiva a produção doméstica, que induzia o Brasil a um sistema de economia fechado, que distorcia os processos de alocação de recursos e desencorajava a concorrência em prol da sobrevivência do agente de menor eficiência. Com a criação de instrumentos de controle de preços, houve desencorajamento da expansão da oferta em diversos setores. Foram criados subsídios e incentivos, com ênfase à exportação, para então compensar os maiores custos dos insumos domésticos. Em decorrência desse protecionismo, a sociedade encontrava-se diante de uma oferta limitada, com pouca diversificação, preços elevados, que reduziram o poder de compra dos indivíduos, e conseqüentemente, limitaram o tamanho do mercado interno, fazendo escassear as oportunidades de investimento (GRISI *et al.*, 2003).

Foi a partir de 1989, de acordo com os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que as tarifas médias de importação caíram de um patamar de 45% (1988) para 14% (2000), criando-se as condições para o crescimento do intercâmbio de mercadorias, serviços e tecnologia das empresas brasileiras com o restante do mundo.

O incremento nas exportações só não foi mais acentuado em razão das turbulências macroeconômicas vividas pelo Brasil naquele período, ou seja, do início dos anos 1980 até 1994 sucederam-se sete diferentes padrões monetários.

Os níveis tecnológicos alcançados pelos produtores rurais brasileiros nas duas últimas décadas podem ser mensurados através do aumento da produtividade no campo. Isso explica, por exemplo, o fato de o Brasil ter dobrado a produção de grãos, em relação à colheita obtida no início da década de 80, com a mesma área plantada. Este desempenho no campo, só foi possível graças à utilização de insumos – basicamente sementes, adubo e agrotóxicos – de primeira linha disponíveis para o setor (GUANZIROLI, 2006).

A melhoria da competitividade da agricultura e pecuária do Brasil, sobretudo nos últimos 10 anos, e o próprio empenho do governo e da iniciativa privada em estimular e divulgar o produto agrícola brasileiro no exterior tem proporcionado aumento das exportações do agronegócio.

O agronegócio contempla a visão sistêmica das cadeias produtivas agroindustriais, envolvendo todos os segmentos abrangidos nos setores, tais como: insumos materiais (sementes, mudas, fertilizantes, agrotóxicos, máquinas e equipamentos), setor da produção rural propriamente dito, setor de transformação (industrialização), setor de distribuição e comercialização, ambiente institucional e organizacional que dão suporte aos ambientes produtivos e de negócios (EDITORIAL, 2004).

No que se refere às perspectivas do agronegócio, no caso brasileiro, trata-se de uma atividade próspera, segura e rentável, pois o cenário atual mostra que o Brasil será o maior país agrícola do mundo dentro de dez anos (BORGES, 2011).

O Brasil tem 388 milhões de hectares de terras agricultáveis férteis e de alta produtividade, dos quais 90 milhões ainda não foram explorados. Possui um clima diversificado, chuvas regulares, energia solar abundante e quase 13% de toda a água doce disponível no planeta. Portanto, todos esses fatores juntos fazem do país um lugar de vocação natural para a agropecuária e todos os negócios ligados à suas cadeias produtivas. O agronegócio é hoje a principal locomotiva da economia brasileira e responde por um em cada três reais gerados no país (MAPA, 2010).

O aumento da demografia mundial e a conseqüente demanda por alimentos acentua a previsão de que o Brasil alcançará o patamar de líder mundial no fornecimento de alimentos e *commodities* ligadas ao agronegócio, solidificando sua economia e catapultando seu crescimento.

O enfoque do agronegócio é essencial para retratar as profundas transformações verificadas na agricultura brasileira. Nas últimas décadas, período no qual o setor primário deixou de ser um mero provedor de alimentos *in-natura* e consumidor de seus próprios produtos, e passou a ser uma atividade integrada aos setores industriais e de serviços.

Conforme Roessing e Lazzarotto (2004) o agronegócio brasileiro tem sido entendido, nos ambientes nacional e internacional, como um dos setores com maior impacto para o desenvolvimento do País. Isso porque é o setor da economia que, além de ter a maior capacidade de geração de empregos, também é o maior irradiador de estímulos para outras atividades. Nas palavras de Rodrigues (2006) o setor do agronegócio brasileiro é moderno, eficiente e competitivo no comércio internacional, pois possui 22% das terras agricultáveis do mundo, além de elevada tecnologia utilizada no campo.

Embora continuem promissoras as perspectivas de desempenho do agronegócio brasileiro, existem problemas tanto conjunturais como estruturais que podem comprometer este sucesso. Então suscita uma dúvida a ser investigada: Quais as tendências e oportunidades de investimento no mercado do agronegócio brasileiro?

Para responder a esta questão, este artigo estrutura-se com uma breve introdução ao agronegócio, em seguida descreve sobre a metodologia utilizada; a seção três expõe os resultados e discussões sobre o assunto em pauta; e na quarta seção apresentam-se as considerações finais.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo procurou partir de uma análise bibliográfica para levantar as informações sobre o Agronegócio no Brasil, assim, segundo Cervo & Bervian (1987) a pesquisa bibliográfica busca conhecer e examinar as contribuições culturais ou científicas do passado referente a um tema, além de dar segurança e firmeza à estruturação do trabalho científico.



O método empregado neste estudo será o exploratório, que de acordo com Lakatos & Marconi (1991), é um tipo de estudo no qual se faz uma leitura buscando-se as informações necessárias, mas já adquirindo certo conhecimento do tema abordado.

Para Gil (1995), a pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Podem envolver levantamento bibliográfico e documental, entrevistas e estudo de caso, entre outros.

A coleta dos dados e as informações apresentadas foram obtidas principalmente por meio de fontes secundárias. De acordo com Lakatos & Marconi (1999) as fontes primárias são documentos, arquivos que podem ser utilizados como instrumento de análise para o levantamento de dados relevantes à pesquisa em questão. As fontes secundárias são as informações obtidas através de revistas, jornais, obras literárias.

Além dos livros, a pesquisa utilizou-se de outros meios e métodos na busca pela informação, como de artigos científicos publicados em congressos, periódicos e revistas divulgadas na internet, além de informações relacionadas a órgãos governamentais, tais como dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O agronegócio é considerado como uma das principais atividades econômicas do Brasil, segundo dados do PIB e do saldo da balança comercial. E mais recentemente, tem favorecido o avanço da economia brasileira no comércio mundial, elevando o Brasil a um dos maiores produtores e exportadores do mundo, em especial na produção e exportação de alimentos.

Após a crise de 2009, as exportações agrícolas brasileiras superaram os números obtidos em 2010, pois tiveram forte recuperação, ultrapassando a cifra recorde de 2008 em US\$ 5,4 bilhões. As vendas de produtos agrícolas cresceram 16,4% em relação a 2009, atingindo o valor recorde de US\$ 63,8 bilhões. Os três principais setores exportadores que se destacaram em 2010 foram o complexo soja, complexo sucroalcooleiro e carnes, sendo estes, responsáveis por quase 70% das exportações agrícolas brasileiras (MAPA, 2011).

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP e finalizado em 2011, avançou 5,73% (a preços reais), totalizando R\$ 942 bilhões (descontada a inflação). A participação do agronegócio no PIB nacional aumentou de 21,78% em 2010 para 22,74% em 2011. No acumulado dos dois anos, o crescimento do PIB do agronegócio nacional foi de 13,51%.

**Tabela 1** – Estimativas de Área Plantada para o Brasil, Safras 2010/2011 E 2011/2012.

PRODUTOS	SAFRA			VARIACÃO	
	2010/2011	2011/2012		Percentual	Absoluta
		Julho/2012	Agosto/2012		
(a)	(b)	(c)	(c/a)	(c-a)	
ALGODÃO	1.400,3	1.396,0	1.395,9	(0,3)	(4,4)
AMENDOIM TOTAL	84,7	99,1	96,8	14,3	12,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	66,0	82,1	82,1	24,4	16,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	18,7	17,0	14,7	(21,4)	(4,0)
ARROZ	2.820,3	2.453,4	2.454,7	(13,0)	(365,6)
FEIJÃO TOTAL	3.990,0	3.273,6	3.269,4	(18,1)	(720,6)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.419,9	1.249,0	1.251,1	(11,9)	(168,8)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.755,9	1.447,5	1.392,1	(20,7)	(363,8)
FEIJÃO 3ª SAFRA	814,2	577,1	626,2	(23,1)	(188,0)
GIRASSOL	66,4	73,6	74,1	11,6	7,7
MAMONA	219,3	129,6	129,6	(40,9)	(89,7)
MILHO TOTAL	13.806,1	15.111,4	15.103,8	9,4	1.297,7
MILHO 1ª SAFRA	7.637,7	7.882,2	7.520,9	(1,5)	(116,8)
MILHO 2ª SAFRA	6.168,4	7.229,2	7.582,9	22,9	1.414,5
SOJA	24.181,0	25.000,5	25.003,1	3,4	822,1
SORGO	817,4	799,7	784,6	(4,0)	(32,8)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>47.385,5</b>	<b>48.336,9</b>	<b>48.312,0</b>	<b>2,0</b>	<b>926,5</b>
AVEIA	153,8	153,0	153,0	(0,5)	(0,8)
CANOLA	46,3	42,4	42,4	(8,4)	(3,9)
CENTEIO	2,4	2,3	2,3	(4,2)	(0,1)
CEVADA	87,9	88,4	88,4	0,6	0,5
TRIGO	2.149,8	2.166,2	2.166,2	0,8	16,4
TRITICALE	46,9	44,1	44,1	(6,0)	(2,8)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>2.487,1</b>	<b>2.496,4</b>	<b>2.496,4</b>	<b>0,4</b>	<b>9,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>49.872,6</b>	<b>50.833,3</b>	<b>50.808,4</b>	<b>1,9</b>	<b>935,8</b>

Fonte: CONAB, levantamento Agosto/2012.

Segundo dados da CONAB (2012), a área plantada nesta safra (2011/2012), estimada em 50,81 milhões de hectares, é 1,9% (935,8 mil hectares) maior que a cultivada em 2010/11, que totalizou 49,87 milhões de hectares, conforme demonstrado na tabela 1. Tem-se destaque, para o milho segunda safra, que apresentou crescimento de 22,9% (1,41 milhão de hectares), passando de 6,17 milhões para 7,58 milhões de hectares, e a soja com aumento de 3,4% (822,1 mil hectares), passando de 24,18 milhões para 25,0 milhões de hectares. A área do milho primeira safra ficou próxima da cultivada em 2010/11, observando-se uma redução de 1,5%, totalizando 7,52 milhões de hectares.

As demais culturas apresentaram uma redução na área cultivada, sobretudo as de arroz e de feijão. O arroz contabilizou um decréscimo de 13,0% (366,9 mil hectares), e o feijão (total), redução

de 18,1% (720,6 mil hectares), com a maior perda na cultura de segunda safra, com menos 20,7% (363,8 mil hectares), causada principalmente pela estiagem na região Nordeste.

Ressalta-se aqui, que o aumento da produção agropecuária dos últimos anos é resultado em grande parte do aumento da produtividade, isso devido aos grandes investimentos em novas tecnologias. Esse salto de produtividade pode ser atribuído a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) que desenvolve ações neste sentido em várias regiões do país.

Seguindo a sequência dos resultados far-se-á uma análise dos dados obtidos que projetam a situação do Brasil nessa atividade para os próximos anos.

A seguir são apresentados dados que foram divulgados pela Assessoria de Gestão Estratégica do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (AGE/MAPA, 2012). O período analisado pela AGE/MAPA abrange o ano de 2011/12 a 2021/22. Trata-se de uma visão prospectiva do setor, e para sua elaboração foram consultados trabalhos de organizações brasileiras e internacionais, alguns deles baseados em modelos de projeções.

Os produtos mais dinâmicos do agronegócio brasileiro deverão ser o algodão, soja em grão, carne de frango, açúcar, milho. Esses produtos são os que indicam maior potencial de crescimento das exportações nos próximos anos.

Diversos produtos deverão apresentar aumentos significativos de produção até 2022. Conforme dados demonstrados na tabela 2, a carne de frango será a líder nesse sentido com uma variação percentual de 56,1%. Em seguida, destacam-se o café com 41,2%, a maçã, 32,6%, carne bovina com 32,3%, a cana-de-açúcar, 30,5%, açúcar, 25,7% e soja em grão com 25,1%.

**Tabela 2** – Resultados da Produção do Agronegócio no Brasil - Projeções de Produção 2011/12 a 2021/22.

PRODUTO	UNIDADE	2011/2012	2021/2022	VARIÇÃO %
ARROZ	Mil t	13.208	15.242	15,4
FEIJÃO	Mil t	3.630	4.093	12,8
MILHO	Mil t	59.651	70.421	18,1
SOJA GRÃO	Mil t	71.100	88.913	25,1
SOJA FARELO	Mil t	28.731	34.385	19,7
SOJA ÓLEO	Mil t	7.426	9.007	21,3
TRIGO	Mil t	5.680	6.937	22,1
CARNE FRANGO	Mil t	13.028	20.332	56,1
CARNE BOVINA	Mil t	8.947	11.834	32,3
CARNE SUÍNA	Mil t	3.334	4.067	22,0
CAFÉ	Milhões sc	50	71	41,2
LEITE	Milhões litros	32.539	39.250	20,6
MANDIOCA	Mil t	26.269	25.642	(2,40)
BATATA INGLESA	Mil t	145	134	(7,10)
ALGODÃO PLUMA	Mil t	2.155	2.241	4



CANA-DE-AÇÚCAR	Mil t	607.852	793.206	30,5
FUMO	Mil t	976	1.145	17,3
AÇÚCAR	Mil t	38.653	48.603	25,7
LARANJA	Mil t	19.332	23.593	22
PAPEL	Mil t	10.242	12.696	24
CELULOSE	Mil t	14.487	18.790	29,7
CACAU	Mil t	253	259	2,6
UVA	Mil t	1.451	1.780	22,7
MAÇA	Mil t	1.366	1.811	32,6
BANANA	Mil t	661	689	4,3

Fonte: AGE/MAPA e SGE/Embrapa.

A produção de grãos (soja, milho, trigo, arroz e feijão) deverá passar de 153,3 milhões de toneladas em 2011/2012 para 185,6 milhões em 2021/2022. Sendo assim, haveria um acréscimo de 32,3 milhões de toneladas à produção atual do Brasil. Ainda de acordo com dados do AGE/MAPA (2012), a produção de carnes (bovina, suína, aves) o aumento seria de 10,9 milhões de toneladas, representando um acréscimo de 43,2% em relação a produção atual do Brasil.

As estimativas projetadas até 2021/2022 indicam que a área total plantada com lavouras deverá atingir 71,9 milhões de hectares. Essa expansão de área está concentrada em soja, cana-de-açúcar e milho, e também deverá ocorrer em função de incorporação de novas áreas e também pela substituição de outras lavouras que deverão ceder área. E mais especificamente o caso do milho, dar-se-á através de ganhos de produtividade. As demais lavouras analisadas podem ficar inalteradas ou diminuir a área plantada, como é o caso do arroz, mandioca, trigo e feijão.

Conforme demonstrado na tabela 3, o Brasil tende a apresentar nos próximos anos um aumento nas exportações, com destaque para os seguintes produtos: açúcar, algodão em pluma, carne de frango, milho e soja em grão. Tem-se uma estimativa que o aumento da produção de açúcar até 2022, tenha uma variação de 45,2%, seguido pelo algodão em pluma, com uma expansão de 43,7%. Além disso, a produção de carne de frango e milho deverá aumentar consideravelmente em relação à produção de 2011/2012. No entanto, o mercado interno continuará sendo um importante fator de crescimento para esses produtos.

**Tabela 3** – Projeções de Exportação 2011/12 a 2021/2022.

PRODUTO	UNIDADE	2011/2012	2021/2022	VARIAÇÃO %
ALGODÃO PLUMA	Mil t	805	1.157	43,7
MILHO	Mil t	10.717	14.208	32,6
SOJA GRÃO	Mil t	34.139	44.919	31,6
SOJA FARELO	Mil t	14.441	16.096	11,5
SOJA ÓLEO	Mil t	1.556	1.685	8,3
SUCO DE LARANJA	Mil t	1.903	2.415	26,9

CARNE FRANGO	Mil t	4.191	5.658	35,0
CARNE BOVINA	Mil t	1.344	1.613	20,0
CARNE SUÍNA	Mil t	532	655	23,1
CAFÉ	Milhões sc	33	38	16,1
AÇÚCAR	Mil t	27.385	39.755	45,2
LEITE	Milhões l	124	128	2,70
PAPEL	Mil t	2.089	2474	18,40
CELULOSE	Mil t	8.751	12.259	40,1

Fonte: AGE/MAPA e SGE/Embrapa.

A partir do exposto, considerando que existem boas perspectivas de crescimento para o setor no Brasil nos próximos anos, pretende-se ressaltar que alguns gargalos que precisam ser superados, e que de certa forma, são entraves ao crescimento do Agronegócio no Brasil. Um dos principais obstáculos que interfere no sucesso do agronegócio é a ineficiência dos serviços públicos de infraestrutura, que reduz a eficiência operacional. A predominância do modal rodoviário na matriz dos transportes brasileira é a principal fonte de ineficiência e de redução de lucratividade dos produtores agrícolas (LIMA *et al.*, 2000).

Rocha e Couto (2002) afirmaram que em termos de competitividade, o agronegócio brasileiro é competitivo, capaz de disputar mercados frente à concorrência internacional, mas o problema está do lado de fora da porteira. Este lado de fora, inclusive fora das fronteiras nacionais, são os subsídios agrícolas e os protecionismos comerciais praticados principalmente pelos EUA e pela União Européia. Resumindo, de acordo com estes autores, os entraves do agronegócio brasileiro dividem-se em quatro categorias: políticas agrícolas internacionais, significando maior protecionismo e subsídios à atividade; exigências para comercialização, principalmente as barreiras não tarifárias; conjuntura de preços, estimulando uma cultura em detrimento de outra; e a dependência de importações, notadamente de trigo.

Algumas limitações que podem entrar a tendência de crescimento do agronegócio no Brasil, são apresentadas ainda na publicação da AGE/MAPA (2012) com destaque para a recessão mundial, o forte protecionismo praticado principalmente pelos países desenvolvidos, as mudanças climáticas severas e internamente, a limitação maior, serão as precárias condições de logística.

O desenvolvimento dos sistemas de transportes não teria acompanhado as necessidades de infraestrutura para apoiar os investimentos em produção no Brasil. De acordo com a Confederação Nacional dos Transportes (CNT) o País ainda tem a mesma malha ferroviária que existia à 80 anos; e grande parte das rodovias brasileiras estaria estado de má conservação; e com relação as hidrovias, estas localizam-se fora dos principais eixos econômicos e sem comunicação direta com o mar, sendo o sistema portuário bastante defasado tecnologicamente, implicando serviços caros e de baixa produtividade.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com este trabalho, que existem diversos fatores que contribuem para que haja grandes chances, num longo prazo, do Brasil aumentar a sua produção agrícola. O país ainda possui áreas a serem exploradas e incorporadas em um futuro próximo, se houver investimentos em produtividade e meios de escoamento destas safras. No entanto, o Brasil pode ser considerado como um celeiro mundial, se as autoridades brasileiras procurarem solucionar os problemas que podem travar o crescimento do agronegócio.

Com base nos dados levantados nesta pesquisa, acredita-se que o Brasil apresentará nos próximos um incremento em sua pauta de exportações, com destaque para os seguintes produtos: açúcar, algodão em pluma, carne de frango, milho e soja em grão, no entanto, o mercado interno ainda continuará sendo um importante fator de crescimento para esses produtos.

Tendo boas perspectivas em vista, é importante que para o agronegócio brasileiro haja aumento de investimentos em pesquisa, o desenvolvimento de novas tecnologias que buscam aumento da produtividade, bem como uma redução nos custos de produção. O País deverá buscar atender o mercado interno em crescente expansão ao longo dos últimos anos, bem como, ainda produzir um excedente que atenda à demanda mundial. Para que isso ocorra, é importante ações do Governo aliadas às necessidades dos agricultores, possibilitando uma relação mais integrada e sistêmica da cadeia do Agronegócio brasileiro.

No que tange a infraestrutura, sugere-se investimentos do Estado nos modais de transporte brasileiro, pois há pouca ou nula integração entre rodovias, ferrovias e hidrovias em nosso País, o que causa uma excessiva dependência do modal rodoviário. Existe crescente necessidade por infraestrutura em estradas para um melhor escoamento das safras, ressaltando-se ainda, que devem ocorrer também investimentos em ampliação de locais de armazenamento, que na sua maioria são poucos e precários.

Salienta-se ainda, que o Estado brasileiro deve, além de investir em infraestrutura de transportes e aumento da capacidade de armazenamento; realizar também ampliação dos aportes em pesquisa, desenvolvimento e extensão agropecuária, sistemas de informação de mercado, bem como há uma necessidade de estímulos fiscais, sobretudo em questões fiscais, que são indispensáveis para o País alcançar uma competitividade sustentável.

Por fim, considera a importância de uma maior integração e cooperação entre as esferas pública e privada com o objetivo de fortalecer as cadeias produtivas no Brasil.

#### REFERÊNCIAS

BATALHA, Mário Otávio. **Gestão Agroindustrial**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BORGES, Altamiro. **O grande desafio do agronegócio no Brasil**. Disponível em: <<http://www.empreendedorrural.com.br>>. Acesso em: 24 Set. 2011.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Brasil Projeções do Agronegócio 2011/2012 a 2021/2022**. Assessoria de Gestão Estratégica – Brasília: MAPA, 2012. Disponível em: <<http://www.mapa.gov.br>> Acesso em: 09 ago. 2012.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Agronegócio Brasileiro: uma oportunidade de investimentos**. Assessoria de Gestão Estratégica – Brasília: MAPA, 2010. Disponível em: <<http://www.mapa.gov.br>> Acesso em: 08 ago 2012.

BRASIL.. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Intercâmbio comercial do agronegócio: principais mercados de destino**. – Brasília: MAPA, 2011. Disponível em:<[http://www.agricultura.gov.br/arq\\_editor/file/6760\\_intercambio\\_comercial\\_do\\_agronegocio\\_2011\\_\(alta\\_resolucao\).pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/6760_intercambio_comercial_do_agronegocio_2011_(alta_resolucao).pdf)>. Acesso em 28 de agosto 2012

CEPEA – USP. CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Pib do Agronegócio 2011**. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/pib/>>. Acesso em: 5 ago. 2012

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 2ª ed. São Paulo: Mc Graw Hill, 1987.

CONAB. COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira: grãos, décimo primeiro levantamento, agosto 2012 Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 20 de ago. 2012.

EDITORIAL. **Planejamento do agronegócio é papel do administrador**. 2004. Disponível em: <<http://www/crasp.com.br/jornal/jornal171/prnc2.html>> Acesso em: 10 Ago. 2012.

GIL, A. C. **Técnicas de Pesquisa em Economia**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GRISI, N. M.; HILDEBRAND, C. C.; BRITO, R. P.. **Trading: presença brasileira no cenário econômico**. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

GUANZIROLI, C. E. Agronegócio no Brasil: perspectivas e limitações. **Economia**. Universidade Federal Fluminense, 2006. (Texto para discussão nº 186). Disponível em: <[http://www.uff.br/econ/download/tds/UFF\\_TD186.pdf](http://www.uff.br/econ/download/tds/UFF_TD186.pdf)>. Acesso em 04 jul. 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA. IPEA. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 05 Ago. 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

LIMA, E. T.; FAVERET FILHO, P.; PAULA, S. R. L. **Logística para os agronegócios brasileiros: o que é realmente necessário?** BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 12, p. 161-174, set. 2000. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/comercio/bnset/set1208.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/comercio/bnset/set1208.pdf)>. Acesso em 02 ago. 2012.

ROCHA, A. S.; COUTO, V. A. **Entraves ao agronegócio brasileiro em 2002**. Bahia Análise e Dados, Salvador, v. 12, n. 3, p. 93-103, dez. 2002. Disponível em: <[http://www.nec.ufba.br/artigos/Artigos/Revista\\_Analise\\_e\\_Dados/2002.12%20%20Entraves%20ao%20agronegocio%20brasileiro%20em%202002.pdf](http://www.nec.ufba.br/artigos/Artigos/Revista_Analise_e_Dados/2002.12%20%20Entraves%20ao%20agronegocio%20brasileiro%20em%202002.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2012.

ROESSING, A. C.; LAZZAROTTO, J. J. **Criação de empregos pelo complexo agroindustrial da soja**. 1ª ed. Londrina: Embrapa Soja, 2004.

RODRIGUES, Roberto. O Céu é o limite para o agronegócio brasileiro. **Conjuntura Econômica**. Rio de Janeiro, V. 60, n. 11, p. 14-15, nov. 2006.

SECRETÁRIA DE GESTÃO ESTRATÉGICA. EMBRAPA. Disponível em: <[http://www.embrapa.br/a\\_embrapa/unidades\\_centrais/sge/](http://www.embrapa.br/a_embrapa/unidades_centrais/sge/)>. Acesso em: 10 ago. 2012.